

Expectativas do Mercado

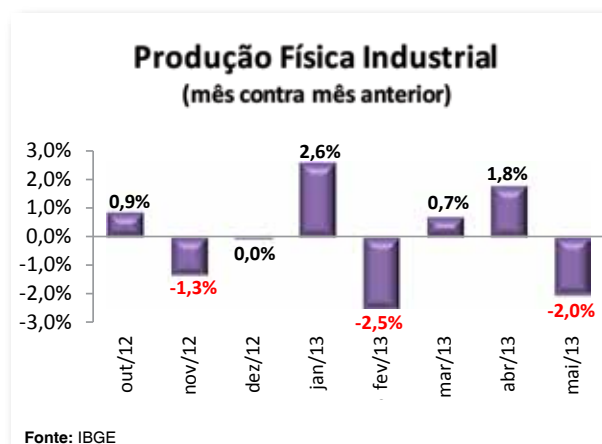
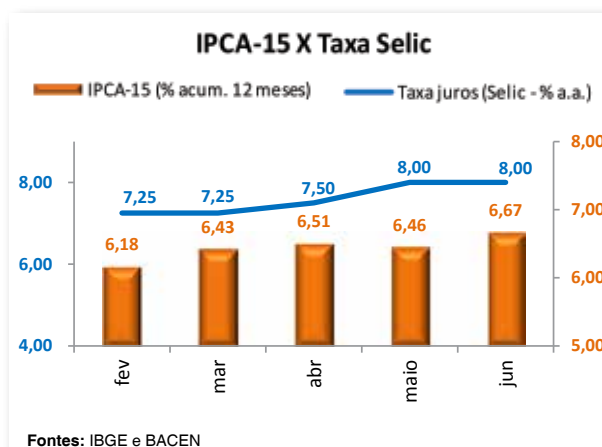
O Índice dos Gerentes de Compras da indústria dos Estados Unidos ficou em 51,9 pontos, em junho, abaixo do registrado em maio (52,3 pontos). O índice de produção subiu para 53,5 ante 52,7; as encomendas domésticas pouco se alteraram e as externas diminuiram mais rapidamente. Porém, com a retomada de junho, acredita-se que as fábricas possam se recuperar no segundo semestre e ajudar a economia a crescer.

Apesar dos indicadores virem mostrando recuperação da indústria automotiva, do mercado imobiliário (epicentro da crise financeira de 2008) e a criação de empregos, continuam presentes as perspectivas de lenta recuperação da economia dos Estados Unidos este ano.

Na região do Euro, o Índice dos Gerentes de Compra Composto subiu de 47,7 pontos (maio) para 48,7 pontos (junho) mas ainda indica contração da atividade econômica. A subida refletiu o aumento da produção, o ritmo menor de queda dos novos negócios e a maior confiança dos empresários em relação às condições do futuro da região. A taxa média de desemprego, por sua vez, registrou novo recorde, atingindo 12,2%. Apesar disso, a inflação chegou a 1,6% em junho, mas ainda de encontra abaixo da meta de 2,0%.

O Índice de Gerentes de Compras do Setor Manufatureiro da China, medido pelo HSBC, recuou de 49,2 (maio) para 48,2 (junho) puxado pela queda das encomendas e aumento dos estoques. A retração deve persistir nos próximos meses, uma vez que o governo chinês resiste a recorrer aos estímulos.

No Brasil, a produção industrial caiu 2,0% em maio ante o mês anterior, refletindo as retrações nas produções de alimentos (-4,4%), máquinas e equipamentos (-5,0%), e veículos automotores (-2,9%). Já na comparação com o mesmo mês de 2012, houve alta de 1,4%. No ano, a produção brasileira acumula elevação de 1,7%. A concorrência com produtos importados afeta a produção e tende a continuar acirrada, o que exige do industrial brasileiro investimentos em inovação, como forma de diferenciar o seu produto.



Os analistas do mercado financeiro rebaixaram mais uma vez a expectativa para o PIB brasileiro, que deve fechar 2013 com alta de apenas 2,34% sobre 2012. Já a inflação (IPCA) deve encerrar 2013 em 5,81%. A taxa básica de juros (Selic), por sua vez, deve fechar 2013 e 2014 em 9,25% a.a., subindo ainda mais em 2015, enquanto a taxa de câmbio tende a oscilar entre R\$ 2,20 e R\$ 2,37 por dólar, de 2013 a 2017, bem acima dos patamares registrados no início deste ano.

Quadro de Expectativas do Mercado

	Unidade de Medida	2013	2014	2015	2016	2017
PIB	% a.a. no ano	2,34	2,80	3,00	3,30	3,50
IPCA	% a.a. no ano	5,81	5,90	5,50	5,20	5,40
Taxa Selic	% a.a. em dez.	9,25	9,25	9,50	9,00	8,75
Taxa de Câmbio	R\$/US\$ em dez.	2,20	2,22	2,28	2,30	2,37

Fonte: Banco Central, Boletim Focus, consulta em 5/7/2013

Confira os últimos estudos e pesquisas da UGE:

- Empreendedorismo no Brasil: relatório executivo 2012 (GEM)
- Sobrevivência das empresas no Brasil – julho 2013

Acesse esses e outros estudos e pesquisas no site <http://www.sebrae.com.br/estudos-e-pesquisas>.

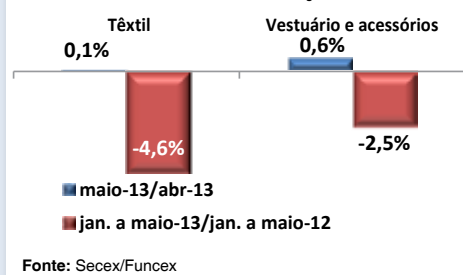
Notícias Setoriais

COMÉRCIO VAREJISTA

O Comércio Varejista registrou alta de 0,5% no volume de vendas e de 0,8% na receita nominal, em abril sobre o mês anterior, após os ajustes sazonais. Destacaram-se, tanto no volume de vendas quanto na receita nominal, as atividades artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+6,4% no volume e +7,1% na receita); livros, jornais, revistas e papelaria (+4,5% no volume e +4,7% na receita) e Combustíveis e lubrificantes (+3,3% no volume e +2,0% na receita). No ano, o Comércio Varejista acumula alta de 3,0%, no volume de vendas e de 11,1%, na receita nominal, ainda favorecido pelos aumentos reais da massa salarial. Porém, esse ritmo de crescimento tende a diminuir este ano, dada a perspectiva de reajustes reais salariais menores.

TÊXTIL E VESTUÁRIO

Têxtil e Vestuário – Produção industrial

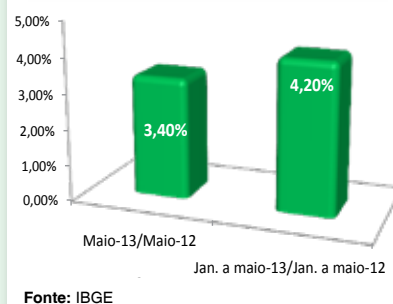


A produção física da indústria Têxtil, em maio, manteve-se estável em relação ao mês anterior, porém, acumula queda de 4,6% nos primeiros cinco meses deste ano ante o mesmo período de 2012. Já a produção de Vestuário e acessórios registrou alta de 0,6% em maio sobre abril, mas acumulou retração de 2,5% até o último mês de maio. A balança comercial do setor ficou deficitária em US\$ 1,17 bilhão nos primeiros cinco meses deste ano, mostrando que a concorrência com os importados continua acirrada. Para reverter esse quadro, as empresas têm que priorizar investimentos em inovação, aproveitando a redução dos custos com energia elétrica e as desonerações fiscais. Assim, terão condições de aumentar a produtividade e, conseqüentemente, a competitividade frente aos concorrentes.

CALÇADOS

A produção brasileira de calçados e artigos de couro registrou alta de 3,4% em maio deste ano o mesmo número alcançado em 2012 e acumula crescimento de 4,2% nos cinco primeiros meses deste ano, em relação ao mesmo período de 2012. Já as exportações de calçados, em junho, registraram queda de 6,5% (em US\$), mas acumulam alta de 0,9% no primeiro semestre deste ano em relação a igual período de 2012. As importações, por sua vez, elevaram-se em 23,5%, em junho sobre o mês anterior e acumulam alta de 7,6% no comparativo dos semestres. Apesar disso, a balança comercial do setor foi superavitária em US\$ 249 milhões. Vietnã, Indonésia e China respondem por 88% das importações brasileiras de calçados, enquanto os Estados Unidos continuam sendo o principal destino das exportações brasileiras de calçados (19% do total). O estado do RS continuou liderando as exportações, em valor, respondendo por 36% do total, mas foi o estado do CE que computou a maior participação em quantidade de pares exportados (40% do total). Os fabricantes nacionais continuam otimistas e preveem vendas maiores no segundo semestre de 2013, devendo realizar investimentos em inovação, qualidade e *design*.

Evolução da produção calçados (em %)

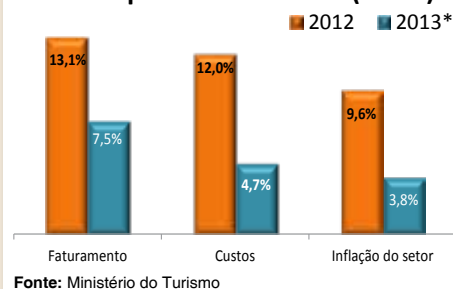


MÓVEIS

D e abril para maio, a produção do setor moveleiro registrou queda de 8,5%, mas ainda acumula alta de 5,8% nos primeiros cinco meses do ano sobre igual período de 2012. A balança comercial, por sua vez, registrou déficit de US\$ 61,5 milhões, de janeiro a maio deste ano. Em que pese esse fato, as perspectivas para o setor continuam favoráveis, com as empresas tendendo a recuperar competitividade, beneficiando-se das isenções fiscais, redução do custo com energia elétrica e, mais recentemente, do processo de desvalorização cambial. Considerando-se ainda que o crescimento real da massa salarial deve permanecer, mesmo que em ritmo menor, espera-se recuperação da produção em 2013 e anos seguintes.

TURISMO

Desempenho do Turismo (em %)



S egundo o Ministério do Turismo, com base na 9ª Pesquisa Anual de Conjuntura Econômica do Turismo, o Brasil registrou, em 2012, alta de 13,1% no faturamento deste setor. Foram consultadas as 80 maiores empresas do ramo, que respondem por 22% do PIB do turismo. A pesquisa apontou ainda inflação de 9,6% nos preços do setor, no ano passado, maior que a inflação "oficial", de 5,84% (IPCA), enquanto os custos aumentaram 12%. Para 2013, a perspectiva é de que o faturamento cresça 7,5%, os preços praticados pelo turismo aumentem 3,8% e os custos se elevem em 4,7%, o que sinaliza recuperação de margem de lucro das empresas e possibilidade de novos investimentos.

Artigo do Mês

Aumenta a sobrevivência de empresas no Brasil

Marco Aurélio Bedê¹

O Sebrae acaba de divulgar nova pesquisa sobre a sobrevivência de empresas no Brasil. Pela segunda vez, o estudo parte do processamento das bases de dados da Secretaria da Receita Federal, o que significa cobertura total das empresas constituídas no período.

Foram monitoradas todas aquelas criadas nos anos de 2005, 2006 e 2007 e seus respectivos registros fiscais até dezembro de 2010. Pelo trabalho, verifica-se que a taxa de sobrevivência de empresas com até dois anos passou de 73,6%; nas criadas em 2005, para 75,6%, nas criadas em 2007. Esse resultado parece estar associado às grandes mudanças positivas ocorridas no nível mais macro, tais como a implantação da Lei Geral das MPE e o aumento da escolaridade dos Donos de Negócio.

A taxa de sobrevivência é maior na Indústria (79,9%) e na região Sudeste (78,2%). No *ranking* das UF, Minas Gerais assumiu a liderança com uma taxa de sobrevivência de 81,5%. Em termos de evolução, melhora expressiva foi verificada no setor da construção, que teve ganho de 10 pontos percentuais, e no Centro-Oeste, com ganho de quatro pontos na taxa.

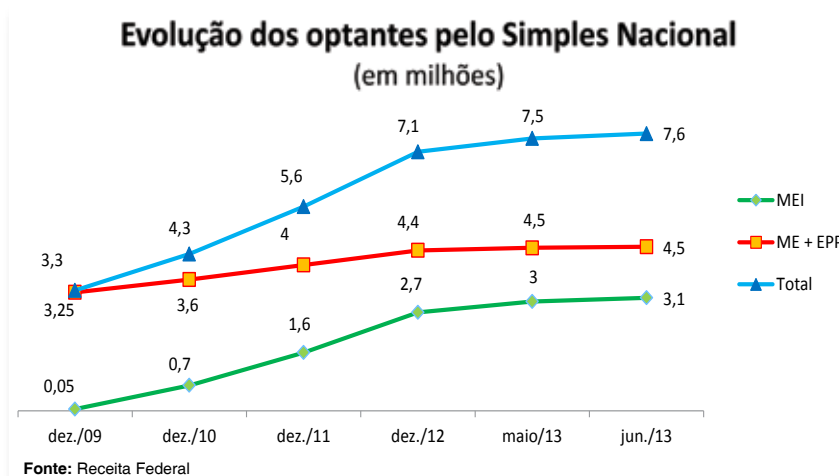
Como novidade, este ano, foram calculadas as taxas para todas as capitais do País, assim como os 150 segmentos de atividade e os 264 municípios com maior número de empresas criadas em 2007. O destaque positivo foi o comércio de instrumentos musicais, cuja taxa de sobrevivência atingiu 89%. No outro extremo, ficaram os representantes comerciais de alimentos e bebidas e as empresas que agenciam mão de obra, ambos com 44% de sobrevivência.

O município de Betim foi o campeão em termos de sobrevivência (88%). A nota negativa foi para o conjunto das capitais. Em 25 dos 26 estados, a taxa da capital ficou abaixo da média estadual. Provavelmente, a maior concentração de empresas, nessas cidades, pode estar gerando uma sobreoferta de produtos e serviços. Além disso, é possível que estejam contribuindo para este resultado as chamadas “deseconomias de aglomeração”. São exemplos, o alto custo do espaço urbano (preço dos imóveis, aluguel, IPTU etc.), o maior nível de organização dos sindicatos e dos custos salariais, as dificuldades de mobilidade urbana, que encarecem o transporte de pessoas e mercadorias, as regulamentações municipais, que geram despesas maiores às empresas, o aumento da poluição, da criminalidade e dos problemas de infraestrutura, comuns nos grandes centros urbanos.

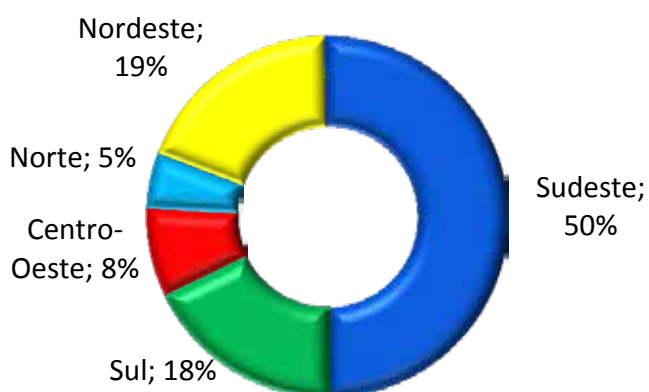
O trabalho, ora divulgado, pretende servir como um ponto de partida para a melhor compreensão sobre o fenômeno da sobrevivência de empresas no País. A análise mais detalhada das informações aqui publicadas pode e deve ser feita, a partir de agora, de forma descentralizada, pelas demais unidades integrantes do Sistema Sebrae, assim como pelos estudiosos do tema.

¹ Analista da UGE, Doutor em Economia pela USP.

Pequenos Negócios no Brasil

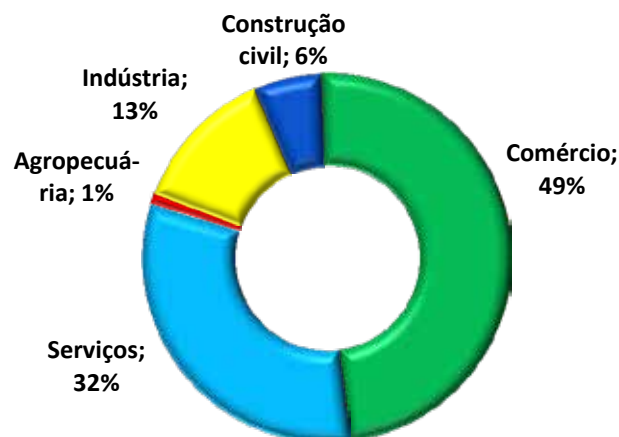


Concentração por região



Fonte: Receita Federal (maio 2013)

Concentração por setor



Fonte: Receita Federal (maio 2013)

Estatísticas das MPE

Participação das MPE na economia	Referência	Participação %	Fonte
No número de empresas exportadoras	2011	61,5%	FUNCEX
No valor das exportações	2011	0,9%	FUNCEX
Na massa de salários das empresas	2011	39,5%	RAIS
No total de empregados com carteira	2011	51,6%	RAIS
No total de empresas privadas	2011	99%	RAIS

Informações sobre as MPE	Referência	Total	Fonte
Quantidade de Produtores Rurais	2010	5,4 milhões	IBGE/Sebrae
Potenciais Empresários com negócio	2009	12 milhões	PNAD
Empregados com carteira assinada nas MPE	2011	15,6 milhões	RAIS
Renda média mensal dos empregados com carteira MPE	2011	R\$ 1.203	RAIS
Massa de salários paga pelas MPE	2011	R\$ 18,7 bi	RAIS
Número de MPE exportadoras	2011	11.525	FUNCEX
Valor total das exportações das MPE (US\$ bi FOB)	2011	US\$ 2,2 bi	FUNCEX
Valor médio exportado por MPE (US\$ mil FOB)	2011	US\$ 192,8 mil	FUNCEX

Microempreendedor Individual (MEI): receita bruta anual de até R\$ 60 mil.

Microempresa (ME): receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI.

Empresa de Pequeno Porte (EPP): receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e menor que R\$ 3,6 milhões.